

(H)À EDUCAÇÃO | POR QUE QUESTÕES DE GÉNERO E SEXUALIDADE SÃO TEMAS DE GRANDE SENSIBILIDADE?

Autor: Marcus Vinicius de Paula Pereira Junior (*)

Email: m.junior@ua.pt

“Queria, nestas primeiras palavras, dizer: Olá! Me chamo Marcus, tenho 40 anos, sou um homem cis, gay, casado e atualmente desenvolvo meu doutoramento em Educação na Universidade de Aveiro.”

Costumo me apresentar assim em determinados espaços que chego pela primeira vez. E é notório como algumas palavras de minha introdução causam certo desconforto.

Por algumas vezes já me perguntaram:

“Por que a necessidade de falar sobre sua ‘condição sexual’ publicamente?”

E, logo, respondo com outra pergunta:

“Por que não?”

Género e sexualidade são temas que nos atravessam, de forma direta ou indireta, por maior que seja a tendência em guardar o assunto “dentro do armário”. Bastam alguns minutos a falar sobre o tema, quer numa roda de conversa ou em espaços mais formais, para o surgimento de muitos questionamentos, exemplos e situações individuais e coletivas do quotidiano.

“Sensível!”, assim o dizem.

E eu digo: “Necessário!”

O ano é 2023 e ainda nos deparamos com uma infinidade de situações que fragmentam as sociedades. A necessidade da manutenção de determinados protótipos nas relações humanas está conectada às dinâmicas das relações de poder e hegemonia vigentes. A insurgência de vozes minoritárias (gays, lésbicas, bissexuais e transgéneras) não é muito

agradável ao “CIStema”, um mecanismo bem consolidado de manutenção dos padrões cisgénero (pessoas cuja identidade de género está em conformidade com o sexo atribuído à nascença), binário (ser homem ou mulher enquanto únicas possibilidades, opostas e complementares) e heteronormativo (atribuição de uma normalidade aos relacionamentos heterossexuais).

Para alguns, são vozes que “ameaçam”. E ameaçam por quê?

A situação é ainda pior quando se tem por objetivo levantar tais questões no ambiente escolar, onde a justificativa é sempre a mesma:

“Precisamos proteger nossas crianças!”

Proteger de quê? De quem?

Em meu projeto de doutoramento pretendo compreender um pouco mais sobre como os participantes escolares, nomeadamente docentes e estudantes do ensino secundário, vêm se adaptando às novas possibilidades de se pensar a diversidade sexual e de género. Assim, importa averiguar a identificação de concepções, pensamentos e práticas destes participantes escolares sobre o tema e, perspetivando-se também o desenvolvimento de uma proposta de intervenção em âmbito escolar, ir além no que respeita a uma estratégia de consciencialização sobre questões de género e sexualidade, que tenha início no espaço escolar e que alcance também a comunidade.

Mesmo com o advento das múltiplas estratégias políticas nacionais e internacionais com o intuito de salvaguardar direitos relacionados à diversidade sexual e de género, incluindo o atravessamento do contexto escolar neste processo, facto é que estamos muito longe de escapar da falácia de um discurso protetivo.

Por que é tão difícil visualizar a educação de base como o momento ideal para se apresentar as inúmeras possibilidades de ser e estar no mundo?

Afinal, falar das relações de género e sexualidade não é falar exatamente sobre isso?

“O problema é sistemático!”, assim o dizem.

E eu afirmo: “O problema é CIStemático!”

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

(*) Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)
da Universidade de Aveiro